



Marcados
pela luta

Capítulo I

Para levar aquele projeto adiante, foi necessário obstinação. Dividida em dois quartos, cozinha, sala, banheiro e varanda — tudo muito apertado e pintado com um branco meio desbotado de quem não dispunha muito para gastar — a casa tinha paredes ásperas, telhado coberto com folhas de zinco, forro de pinho sem pintura e chão de lajotas baratas. Por fora, cinza fosco e amarelo foram as cores que o engenheiro formado pela escola da vida escolheu.

— Seu Gumercindo, como vai a construção? Cadê o engenheiro responsável? — perguntou Tobias, um dos moradores mais antigos e bisbilhoteiros da vizinhança.

Gumercindo, que ajudava a mexer o concreto, vestia uma calça social com cinta preta, sandálias franciscanas gastas e tinha a camisa amarrada à cabeça, mostrando a farta barriga e alguns pelos ralos no peito. Suava às bicas em um abafado dia de verão e frequentemente tirava os óculos para limpar as grossas lentes embaçadas.

— Tá falando com ele — murmurou de dentro do seu eterno bigode grisalho.

— E que formação o senhor tem?

— Escola da vida.

Quem não aprende com ela, fica.

Gumercindo não tinha sequer o ensino fundamental completo. O velho passou grandes dificuldades para construir a moradia apenas com sua aposentadoria e algumas míseras economias, por isso os materiais usados foram todos de segunda mão. Ele e um antigo companheiro dos tempos em que trabalhava na rodoviária — um senhor atarracado e muito honesto chamado João Tavares — demoraram quase dois anos para terminar a pequena casa porque o dinheiro teimava em acabar, e também porque, sob hipótese alguma, Gumercindo ficaria devendo um centavo para alguém. O terreno de periferia não possuía escritura, mas o velho tinha a garantia verbal de que os documentos ficariam prontos em pouco tempo. Ele saiu com um contrato frio de compra e venda nas mãos, e o trambiqueiro nunca mais foi visto por aquelas bandas.

— Senhor Gumercindo, fique tranquilo. A papelada vai ficar pronta em questão de dias — disse o falso corretor de imóveis.

— Não tente me passar pra trás, hein? Comigo malandro não se cria.

O pequeno Josef, que acompanhou a construção quando não estava na escola, era obrigado a ajudar os dois homens com os serviços mais leves, e o fazia de muito bom grado.

— João, quem trabalha desde cedo não tem tempo pra pensar em bobagem — Gumercindo dizia, orgulhoso do espírito voluntário que o neto demonstrava.

∞

Avô e neto finalmente se mudaram para a pequena casa. Gumercindo bancava o linha-dura, e a vida do

garoto, com poucas exceções, limitava-se a ir à escola e voltar para casa.

— Vovô, posso ir para o campinho?

— Não. Não tem nada que ficar zanzando por aí.

— Vovô, deixa, por favor...

— Já falei que não.

— Vovô, por favor...

E um tapa para “corrigir”, como dizia o velho, acabava com a discussão. Josef, ouvindo de longe a algazarra dos meninos, voltava correndo para seu quarto um tanto choroso, mas, no momento em que pegava seus bonecos baratos de guerra, esquecia do mundo. Surgiam histórias e histórias naquele pequeno cômodo da casa.

— Você não é páreo para mim, soldado. Eu reinarei por esses mundos eternamente.

— Não tão cedo, capitão. Tome um soco... *Pah, pof, pof...* e agora um chute... *toouuuu!*

Desde cedo, Gumercindo viu seu padrasto tirando dinheiro da própria casa para gastar com mulheres e bebida. Ele prometeu a si mesmo não andar no mesmo caminho. Depois teve de lidar com as dificuldades da cidade grande, com as confusões do pai de Josef e seu desfecho fatal. Como golpe final, havia perdido dona Silvina, sua companheira de muitos anos de jornada. Alguma coisa ele sabia da vida, não dava para negar. Talvez ele estivesse certo.

— Meu filho, é melhor ficar sozinho do que andar com cabra safado sem rumo na vida — disse horas mais tarde, quando a coisa tinha esfriado.

Cada palavra dita era uma semente inoculada no coração do menino.

— Qual é a sua pergunta desta vez, querido?

A professora já estava cansada. Josef não tirava os olhos do quadro-negro e, se a história realmente o interessasse, queria saber de absolutamente todos os pormenores. Em casa, seu avô também o incentivava a perguntar, por mais ínfima que fosse a dúvida, à professora.

— Se não souber a lição, apanha.

O velho não era lá muito ortodoxo com a educação do neto, mas as coisas até que funcionavam. Certo dia, o menino foi à biblioteca, escolheu um livro infantojuvenil de 200 páginas e o leu em quatro dias.

— Larga isso aí na hora de comer, menino! — ordenava Gumercindo.

Josef só deixava a leitura de lado porque sabia que ganharia uns tapas. Em uma das noites em que seu avô cochilava no sofá da sala, ele levantou a passos miúdos, pegou o livro e passou boa parte da noite lendo. Nos dias seguintes, Josef foi atacando cada uma das brochuras da coleção. Assim que a finalizou, iniciou outra série, o que chamou a atenção da bibliotecária.

— Maria, um dos seus alunos leu toda essa coleção, e já iniciou outra — ela disse, mostrando à professora as fichas de controle de empréstimos da biblioteca.

Na semana seguinte, Maria trouxe um livro e entregou para Josef. Curioso, o menino ficou olhando por muito tempo a capa com o título em letras garrafais.

— Querido, leve para você.

E assim, muito jovem, Josef foi iniciado na leitura de escritos clássicos. Quem pagou o pato foi seu avô, que a cada cinco minutos tinha que ouvir uma pergunta

do menino. Gumercindo, que nunca havia lido um livro na vida, não conseguia ajudar muito na interpretação.

— Vovô, o que quer dizer isso?

— Não sei, filho. Pergunte à sua professora amanhã.

O menino era insistente e logo arrumou outra dúvida que interrompeu o cochilo pós-almoço do velho.

— Vovô, eu não entendi isso — ele apontava com o dedo a palavra.

— *Hã*, o quê? — Gumercindo acordou assustado.

— Essa palavra... eu não entendo.

— Já te falei pra pedir pra sua professora — resmungou.

Além dos livros, Josef andava grudado com Ruana, uma garotinha magrela que havia se mudado há pouco para a vizinhança e era praticamente a única criança com quem conversava. Ruana era um ano mais velha que Josef, muito estudiosa e uma das poucas amigas que Gumercindo permitia por perto. De peças infantis a trabalhos escolares, os dois sempre formavam par e se davam as mãos quando achavam que ninguém estava olhando. Inevitavelmente, tinham que aguentar troça dos coleguinhas.

— Namoradinhos, namoradinhos...

Certo dia, acabaram sozinhos em uma sala e, como de costume, a menina estendeu a mão e pegou na de Josef.

— Vamos casar? — perguntou Ruana.

— Não sei, tenho que pedir para o meu avô.

— Não precisa, eu sei que ele vai deixar. Ele gosta de mim.

— Ah, então vamos.

— Eu quero cuidar de você pra sempre.

— Eu sei me cuidar sozinho. Eu sou homem.

Os grandes olhos de Ruana encheram-se d'água, e ela saiu correndo pátio afora. Depois disso, eles continuaram amigos, mas nunca mais pegaram na mão um do outro.

∞

Em uma noite fresca de março, enquanto Josef brincava com seus bonecos no chão da sala, Gumercindo assistia a mais um programa que explorava a miséria humana. O menino fazia todo esforço do mundo para se manter mudo, porém vez ou outra alguma cena do seu teatrinho lhe escapava.

— *Pou, tou, tou!* Pare agora! — simulando uma briga entre dois soldados, ele falou alto.

— Quietos, menino! Eu quero ouvir o programa!

O entretenimento mundo cão era o preferido do velho: assassinatos, entrevistas com bêbados encarcerados, prisões, perseguições. Gumercindo apoiava a polícia, a família, a igreja católica — mesmo que raramente fosse à missa — e os bons costumes. Quando assistia a esse tipo de programa, ele sentia que em algum lugar do mundo ainda existia justiça e vibrava a cada bandido morto pela polícia.

— Menos um diabo no mundo. Lugar de bandido é no cemitério.

Sons de tiros eram frequentes na vizinhança. Nada que os assustasse, pois normalmente vinham de longe, mas, daquela vez, um clamor por misericórdia seguidos por três altos estampidos se fizeram muito próximo da pequena casa.

— Eu pago, eu pago. Pelamorded...

— *Bam! Bam!*

— *Bam!* — o último tiro demorou um pouco mais para sair.

Exceto por um ou outro latido, o silêncio era total. Gumercindo, sabendo que a polícia sempre demora em vir buscar os mortos envolvidos com o tráfico, teve uma brilhante ideia.

— Menino, venha comigo.

Com Josef no colo, saiu da casa, olhou para os dois lados da rua e confirmou suas suspeitas: na esquina, via-se um homem morto. Foi andando a passos largos, parou repentinamente próximo ao corpo e obrigou o neto a contemplar a cena: um rapaz alto e muito magro, vestido com uma bermuda comprida e chinelos, jazia de bruços em meio a uma poça de sangue.

— Vovô, eu quero ir pra casa... não, vovô, não, NÃO, NÃO...

— Olhe! — com suas mãos calosas, o velho direcionava a cabeça do menino para o moribundo. — Olhe bem isso, menino!

— Para, vovô, para, por favor — o menino irrompeu em lágrimas.

— Preste atenção: se algum dia você mexer com drogas, este será o seu caminho.

O velho já estava satisfeito com sua aula particular. Assim que entraram na casa, o menino sumiu para o quarto e, cada vez que fechava os olhos, um cadáver vinha à sua mente. Passou boa parte da noite em claro chorando baixinho e não teve a coragem de pedir ajuda para seu avô. Gumercindo estava em uma das suas épocas mais tirânicas com o garoto e o treinava à sua maneira para ser um homem de valor. Cochilando e acordando, o velho ainda permaneceu mais de uma

hora e meia em frente à televisão, e tinha consigo um pensamento mais do que claro.

— Esse menino um dia vai me agradecer. Eu nunca mais vou criar um bandido.

EDITORA
www.editorapenalux.com.br
penaluxeditora@gmail.com

Impresso em Pólen Soft 80g/m² em
São Paulo para Editora Penalux, em novembro de 2019.